

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

INGRYD SANTOS RODRIGUES

Planta Clandestina

Produto Jornalístico

Mariana - MG

2018

INGRYD SANTOS RODRIGUES

Planta Clandestina

Memorial descritivo de produto jornalístico da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano

Mariana - MG

2018

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 14

R696p Rodrigues, Ingrid Santos
Planta Clandestina [gravação de vídeo] / Ingrid Santos
Rodrigues.-Mariana, MG, 2018.
1 CD-ROM (29min); 4 3/4 pol.

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal
de Ouro Preto, Mariana, 2018

1. Maconha - Teses. 2. MEM. 3. Drogas - Controle -
Teses. 4. Monografia. 5. Documentário - Teses. 6.
Entrevistas (Jornalismo) - Teses. I.Mariano, Agnes.
II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto
de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências
Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 791.229.2
: 15
: 1419919

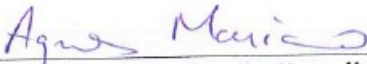
Ingryd Santos Rodrigues

Curso de Jornalismo – UFOP

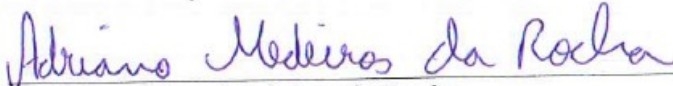
PLANTA CLANDESTINA

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.

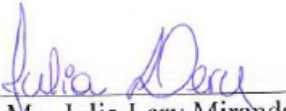
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano



Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha



Profa. Me. Julia Lery Miranda

Mariana, 20 de fevereiro de 2018.

Dedico este trabalho, primeiramente, a minha mãe Ivanete, professora de biologia engajada, que passou a vida sempre insistindo para que eu estudasse muito e conseguisse conquistar meu espaço no mundo, com educação, conhecimento e respeito. Além de me apoiar financeiramente em toda minha graduação até a conclusão.

Também dedico a minha mãe o meu empenho em reverter seu posicionamento totalmente contra o uso de drogas. Assim como muitos outros de sua geração, ela teve o seu pensamento moldado por uma mídia produzida em um contexto proibicionista e conservador, que demoniza todos os tipos de drogas, sem um estudo mais aprofundado de suas substâncias. Como representante da mídia atual, é meu papel desmistificar esses falsos conceitos e quebrar as couraças dos tabus impregnados na cultura brasileira. Começando, é claro, pela minha progenitora.

Dedico esse trabalho também a todos que de alguma forma me ajudaram a produzi-lo. Professora Agnes Mariano, a melhor orientadora, sempre disposta a ajudar, incentivar e puxar a orelha quando fosse preciso. Pedro Menegetti, Felipe Augusto Passos e Caroline Borges, que por um tempo foram uma equipe me ajudando com filmagens e edição. Caroline Calsavara e Vera Guimarães, amigas maravilhosas que me acompanharam em algumas das entrevistas.

Aos meus grandes amigos, Renan Campos e Eric Adams, por serem essenciais para que eu me mantivesse em equilíbrio.

Agradeço também, especialmente, a Pedro Drummond e Paulo Fleury, fontes que acabaram se transformando em amigos e colaboradores muito prestativos para a concretização deste produto.

Ao meu namorado, Emmanuel Nicolaz Kuzniak, por todo carinho, atenção e cuidados que me mantiveram consciente e confiante.

Dedico com todo o amor à esplêndida República Cravo e Canela, minhas Gabrielas, moradoras e ex-alunas que fizeram com que meus anos de graduação fossem também os mais incríveis da minha vida, juntamente com todos os amigos de Ouro Preto e repúblicas que me acolheram com todo o coração.

Dedico este trabalho à própria Cannabis Sativa, pois graças a ela eu consegui controlar minha ansiedade e criar, com o passar dos anos, uma forma muito mais leve e gostosa de enxergar a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, amigos, professores do curso de Jornalismo da UFOP e a todos os envolvidos direta ou indiretamente no processo de construção desse trabalho. Aos personagens que fizeram com que o projeto fosse possível: Pedro Drummond, Paulo Fleury, Jussara Lopes, Victor Mujica, Bernardo Santos (Bnegão), como também ao policial militar e o comerciante ilegal de cannabis que preferiram não ser identificados. E claro, minha querida orientadora Agnes Mariano.

“(...) Soy una raya en el mar

Fantasma en la ciudad

Mi vida va prohibida

Dice la autoridad

Solo voy con mi pena

Sola va mi condena

Correr es mi destino

Por no llevar papel

Perdido en el corazón

De la grande Babylon

Me dicen el clandestino

Yo soy el quiebra ley

Mano Negra clandestina

Peruano clandestino

Africano clandestino

Marihuana ilegal (...)”

Trecho da música Clandestino, de Manu Chao

RESUMO

O objetivo deste memorial é descrever o processo de produção e criação de Planta Clandestina, documentário realizado como produto para conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Entrevistas que se transformam em um diálogo entre eu, Ingryd Rodrigues, um médico, um paciente de maconha medicinal, um artista, uma professora, um comerciante, um policial e um traficante, que a partir de suas próprias perspectivas elencam apontamentos sobre o uso de maconha no Brasil, as consequências da proibição e como cada um acredita que seja a melhor forma de resolver o problema.

Palavras-chave: documentário; legalização da maconha; entrevistas; cannabis sativa; drogas.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to describe the process of production and creation of *Clandestine Plant (marijuana)*, a documentary which is the conclusion of the Journalism course of the Federal University of Ouro Preto. The interviews are between myself Ingrid Rodrigues, a physician, a medical marijuana patient, an artist, a teacher, a businessman, a policeman and a drug dealer. They have their own perspectives about marijuana use in the Brazil. It is about the consequences of the ban and how each believes the better way to solve the problem.

Keywords: documentary; marijuana legalization; interviews; cannabis sativa; drugs.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONSUMO DE MACONHA E LEGALIZAÇÃO.....	14
2.1 Notas sobre o consumo de maconha no Brasil.....	15
2.2 Uso da erva para fins medicinais.....	18
2.3 Racismo e justiça seletiva.....	20
3 DOCUMENTÁRIO.....	23
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	25
4.1 Entrevistas.....	26
4.2 Trabalhando em equipe.....	28
4.3 Mudança de planos.....	31
4.4 Bnegão.....	33
4.5 Finalização.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A maconha é um assunto que tem grande pertinência no cenário nacional e mundial atualmente. Segundo uma reportagem da revista britânica *The Economist*, realizada em 2016, a planta é responsável por quase metade do mercado ilegal de narcóticos, estimado em US\$ 300 bilhões e é a droga ilícita mais consumida no mundo. Dados levantados em 2015 no *World Drug Report*, feito pela *United Nations Office On Drugs and Crime*, revelaram que cerca de 200 milhões de pessoas com idade entre 15 e 64 anos usaram maconha em 2013.

Além disso, muitos estudos e estatísticas que serão melhor explicitados na continuidade desse memorial apontam para uma ineficácia do sistema vigente de leis atuais sobre drogas no Brasil e no mundo. Leis que vieram após a declarada “Guerra às Drogas”, que é reafirmada todos os dias por repressão policial, racismo e criminalização.

Política que gerou mais custos de policiamento para os sistemas legal e prisional do que benefícios em termos de redução do tráfico e do número de usuários. Além dessa perseguição e matança ser mais danosa à sociedade do que o efeito da própria droga que estão perseguindo, o que cria um paradoxo muito irônico.

Esse projeto busca contribuir com o debate na perspectiva social, econômica, comportamental, histórica e farmacêutica. No Brasil, a discussão sobre a regulamentação da maconha, em comparação a outros países (inclusive vizinhos como o Uruguai que já aderiram à regulamentação), está bem atrasada. Não apenas em debates e pesquisas, como também em se tratando de leis sobre o uso para fins medicinais, por exemplo.

Apesar de ser precursor e principal incentivador da política antidrogas em 1930, os Estados Unidos está entre os países mais avançados quando se trata de repensar o consumo e o mercado da maconha. O que, aliás, vem se mostrando um mercado bilionário em ascensão. Apesar de ainda não ser legalizada a nível federal, oito estados já possuem permissão para uso recreativo da erva: Massachusetts, Califórnia, Colorado, Oregon, Alaska, Nevada, Maine e Distrito de Columbia.

Uma pesquisa da revista *The Lancet Psychiatry*, em 2015, analisou dados de 1,1 milhão de homens norte-americanos com 24 anos e constatou que a legalização da droga não influenciou o aumento do consumo nessa faixa etária. Ao comparar o uso da maconha entre jovens antes e depois da legalização, o percentual apresentou até mesmo uma leve queda, indo de 16,25% para 14,45% após a regulamentação.

Entretanto, nem todas as substâncias psicoativas, como o álcool, mas também o tabaco e os remédios psicotrópicos, são classificadas juridicamente como entorpecentes, veiculando essa diabólica reputação. Contudo, elas atuam na consciência e seu uso prolongado também pode produzir dependência. Além disso todas as drogas chamadas impropriamente, de um ponto de vista jurídico (é o mau uso que se faz delas que pode considerar ilícito), “ilícitas”, nem sempre foram consideradas como tal. Houve épocas e lugares em que a heroína era usada para fins medicinais e o ópio para um prazer culturalmente aceito. Na verdade, não existe necessidade medicinal, quer psicopatológica quer farmacológica, que possa justificar por si só as classificações jurídicas dos entorpecentes. Essa constatação bastante banal nos convida a reconhecer que a categorização social de uma substância como “droga” e sua classificação jurídica como “entorpecente” dependem muito mais de uma convenção social e cultural. Isso quer dizer que o conceito “droga” e a diversidade de substâncias que ele compreende em seu perímetro devem ser considerados o produto, por natureza provisória, de lutas simbólicas e científicas, tanto quanto políticas e sociais: a fronteira que separa a classe das drogas ilícitas e a classe dos produtos psicoativos lícitos é bastante permeável, como nos ensina a história. (BERGERON, 2016, p. 8)

Com a regulamentação ainda seria possível promover campanhas educativas, que como as observadas no uso de tabaco, podem ser eficientes e produzir resultados a médio prazo. Além de estimular ações para redução de danos causados pelo uso excessivo e permitir que pesquisadores e cientistas tenham mais liberdade para estudar a planta.

Esse projeto tem a intenção de elencar diversas perspectivas sobre o tema. Começamos com o relato de um estudante negro, que introduz a problematização que precisa ser feita, a respeito de quem são os reais prejudicados com a opressão policial. No caso: pretos, pobres e de periferia. Ele menciona a carga histórica da perseguição aos costumes africanos e é respaldado pela professora de Serviço Social da UFOP Jussara Lopes, que estuda há 10 anos as questões raciais e faz a relação histórica entre a proibição da maconha e o genocídio atual que acontece com a população “negra, pobre e marginal”.

Depois dessa relação, temos um diálogo entre um policial e um traficante, que optaram por não serem identificados nesse produto. Lados opostos do jogo, falando no mesmo tom, sobre uma preocupação mútua: a ineficácia da guerra às drogas. Bnegão, Bernado Santos, integrante da banda Planet Hemp vem em seguida. Ele levanta a questão de termos cárceres lotados de pessoas que não deveriam estar ali, relata que tem uma vasta experiências de trabalho em prisão, e que “é bizarra” a quantidade de pessoas que não deveriam estar ali. Ainda aconselha a quem quiser lutar pela legalização sempre buscar a forma mais inteligente para fazer isso.

Após a parte do Slam referente ao racismo, voltamos com a Marcha da Maconha e o personagem Laion. Ironicamente é exatamente a população de maior risco descrita nas partes anteriores do filme. Entretanto, Laion vem para abrir o tema de maconha medicinal, afirmando que ela é uma cura, e “ sem ela nós não vive”.

Laion é a abertura para o depoimento de Pedro Drummond, branco e de classe média com uma doença rara, “epilepsia no estômago”. Ele encontrou na maconha um remédio eficaz que ameniza suas dores e com efeitos colaterais muito mais leves que o coquetel de remédios que era necessário que ele tomasse antes. Pedro afirma que realmente não existe vida para ele sem a maconha e comenta também sobre a relação de seus pais com o seu uso medicinal da erva.

Paulo Fleury é médico e especialista em tratamento de epilepsia e autismo com o uso de maconha medicinal. Após o depoimento de Pedro, ele vem para ressaltar que o sistema e o contexto proibicionistas são diretamente responsáveis pela fama e demonização da maconha. E que a circulação de tantas informações falsas também são produto de pesquisas médico-científicas cúmplices desse sistema opressor, mas que, no entanto, estamos em uma fase de transição e convencimento social.

O último personagem é Victor Mujica, como gosta de ser identificado em homenagem ao ex-presidente do Uruguai, José Mujica (responsável pela legalização da maconha em todo território uruguaio). Victor é dono de uma loja em Belo Horizonte, Jamaicanas, com produtos totalmente voltados à cultura cannabica.

Victor tem um discurso honesto em que ressalta o fato de que as pessoas já fumam muita maconha, entretanto, sem qualquer tipo de controle colocando em risco nossas crianças e adolescentes. Victor diz que é necessário coragem para assumir o uso, lutar pela regulamentação e que a loja serve também como um canal de informação para usuários ou não usuários. O filme mescla os depoimentos, dando voz a pontos de vistas e experiências distintas, que buscam ampliar o conhecimento sobre o tema em polos diversos e incentivar a regulamentação da planta no Brasil, a partir da argumentação dos personagens.

2 CONSUMO DE MACONHA E LEGALIZAÇÃO

No Brasil, o sistema vigente acaba por se tornar mais permissivo do que se houvesse uma regulamentação, pois a proibição não coíbe nenhum usuário. Atualmente, quem quiser comprar drogas consegue sem grandes complicações, sem restrições de idade ou controle de qualidade.

Já aconteceram alguns avanços, pelo menos em relação à maconha medicinal no Brasil. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) - órgão responsável por determinar quais substâncias são permitidas e proibidas para consumo - já permitiu importação e comercialização de medicamentos à base de canabidiol e THC. Ela também colocou a Cannabis na lista oficial de fármacos e se posicionou a favor do uso de maconha para fins medicinais, inclusive em sua página oficial do Facebook.

Já existe no Brasil uma empresa regulamentada que produz o óleo medicinal e distribui para mais de 400 pessoas por todo o Brasil. Além disso, muitos pacientes e familiares têm entrado com ações judiciais para conseguir permissão para cultivo em domicílio para a produção do óleo.

Por todo o Brasil existem muitas associações que têm como missão lutar pela legalização do cultivo, como a ABRACE, APEPI, LIGA CANÁBICA, ABRACANABIS, REDE CANÁBICA, todas apenas voltadas para o uso medicinal. Além disso, em um dia do ano (geralmente 20 de abril) acontece em diversas cidades pelo país a Marcha da Maconha, que leva às ruas em torno de 10 mil pessoas ou mais.

Os principais pontos discutidos a respeito da legalização nesse documentário são: raízes do preconceito com a planta, consequências da proibição, justiça seletiva sobre a lei de drogas no Brasil e a utilidade da maconha para fins medicinais.

Apesar de atrasada, a mídia a favor da legalização está crescendo progressivamente. Cada vez mais, especialistas, médicos, políticos, professores e economistas se posicionam a favor da legalização, levando em conta inúmeros fatores que serão esmiuçados no decorrer desse projeto.

Ou seja, mais informação sobre o tema está em circulação do que jamais esteve. Não se pode afirmar que o aumento desse discurso influencia o aumento do consumo da droga, entretanto, obter conhecimento sobre drogas pode ajudar as pessoas a praticarem um consumo mais consciente.

2.1 Notas sobre o consumo de maconha no Brasil

Desde 1500, existem registros de utilização da cannabis no país. Os portugueses já utilizavam as fibras de cânhamo para fazer as velas das embarcações, já que se trata de uma fibra mais resistente que as normais. O uso recreativo e medicinal da planta teria se disseminado no país logo em seguida, em 1549. Africanos escravizados trouxeram para o país a planta, que era considerada sagrada e utilizada em rituais de Candomblé. Logo foi incorporada e utilizada também por algumas tribos indígenas em seus rituais. (CARLINI, 2005).

No começo do século XX, a maconha, mesmo enquanto lícita, não era bem vista pela classe mais abastada da população. No Brasil, era associada aos negros. Na Europa, aos árabes e indianos. E nos Estados Unidos, aos mexicanos. Ou seja, estaria sempre relacionada às camadas mais desfavorecidas. Porém, era uma planta de grande relevância econômica, utilizada na fabricação de remédios, papel, tecidos, cordas, redes de pesca, óleo, combustíveis, entre outros. (BURGIERMAN, 2011).

O nome científico da maconha é *Cannabis sativa*. Em latim, *Cannabis* significa cânhamo, que denomina o gênero da família da planta, e *sativa* que diz respeito plantado ou semeado, e indica a espécie e a natureza do desenvolvimento da planta. É uma planta originária da Ásia Central, com extrema adaptação no que se refere ao clima, altitude, solo, apesar de haver uma variação quanto à conservação das suas propriedades psicoativas, podendo variar de 1 a 15% dependendo da região na qual foi produzida a erva e a forma como foi ingerida, pois esta requer clima quente e seco, e umidade adequada do solo (BERGERET, 1991, p. 230).

Na segunda metade do século XIX, a maconha volta a chamar a atenção pela popularização do consumo entre intelectuais franceses e médicos ingleses do exército imperial na Índia. Ela passou a ser considerada um excelente medicamento indicado para muitos males. Até a década de 30, era ainda citada em compêndios médicos e catálogos de produtos farmacêuticos. (CARLINI, 2005)

Entretanto, o que teria dado início à demonização da maconha no país e uma perseguição mais enérgica em se tratando de força policial foi a declaração do delegado Doutor Pernambuco, na II Conferência Internacional do Ópio, 1924. Ele teria dito que: “Maconha é mais perigosa que ópio”. (CARLINI, 2005)

Essa participação do Brasil na condenação da maconha é confirmada em uma publicação científica brasileira:

[...] já dispomos de legislação penal referente aos contraventores, consumidores ou contrabandistas de tóxico. Aludimos à Lei nº 4.296 de 06 de Julho de 1921 que menciona o haschich. No Congresso do ópio, da Liga das Nações Pernambuco Filho e Gotuzzo conseguiram a proibição da venda de maconha. Partindo daí deve-se começar por dar cumprimento aos dispositivos do referido Decreto nos casos especiais dos fumadores e contrabandistas de maconha (LUCENA, 1934).

No Brasil, a proibição total do plantio, cultura, colheita e exploração por particulares da maconha, em todo território nacional, ocorreu em 25/11/1938, pelo Decreto-Lei nº 891 do Governo Federal. Ou seja, o Brasil já tinha um histórico de repressão contra a planta, mas podemos sugerir que por ser usado apenas nas classes mais desfavorecidas, não chamava tanta atenção assim.

Em 1961, aconteceu a Convenção Única de Entorpecentes, da Organização das Nações Unidas, na qual o Brasil é signatário. De acordo com o site da ONU, esta convenção teve como objetivo combater as drogas através da limitação da posse, troca, distribuição, importação, exportação, manufatura e da produção de drogas exclusivas para o uso médico e científico.

Richard Nixon, em 1971, declarou guerra às drogas, anunciando-as como “inimigo número um”, justificando-se com a preocupação pela crescente epidemia de crack no país. (BURGIERMAN, 2011). Logo após essa declaração, em 1972, esta mesma convenção foi emendada para consumir uma cooperação internacional com objetivo de deter completamente e desencorajar o tráfico de drogas em escala mundial.

O presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, em 1981, retomou a guerra às drogas anunciada pelo ex-presidente Nixon. Lançou uma campanha por todo país que tinha como slogan a frase “Just say no” (Apenas diga não). Campanha idealizada por sua mulher Nancy Reagan. A primeira-dama organizou várias viagens pelos estados norte-americanos para promover o combate às drogas. (BURGIERMAN, 2011).

Além da campanha, em 1986, os EUA liberou quase dois bilhões de dólares para patrocinar essa guerra. Sancionou uma lei de repressão especificando uma pena mínima obrigatória para crimes relacionados com drogas. Essa lei foi criticada por suscitar uma desigualdade racial significativa da população carcerária, em razão da diferença nas sentenças para infrações envolvendo crack e cocaína. (BURGIERMAN, 2011).

Críticos da época ainda ressaltam que as políticas do governo não foram realmente eficientes para reduzir a disponibilidade das drogas nas ruas, enquanto ela resultava em um grande custo financeiro e humano para a sociedade norte-americana. (BURGIERMAN,

2011). Em teoria, para que a guerra funcionasse era necessária colaboração mundial. As drogas que circulavam em território americano eram oriundas de diversos países diferentes.

Em 1989, após a queda do muro de Berlim, os Estados Unidos se tornaram a única superpotência do mundo. E o governo usava desse poder para ameaçar com sanções econômicas os países que escolhessem não colaborar. Entretanto, independente dessa pressão, os países foram aceitando e reconhecendo a ideia de que drogas são prejudiciais e que deveriam ser exterminadas. (BURGIERMAN, 2011).

O Brasil servia como canal de trânsito do tráfico, afinal fazia fronteira com Bolívia, Colômbia e Peru, principais produtores de cocaína na época. Dado o histórico, que foi comentado anteriormente, a campanha foi muito expressiva por aqui. (BURGIERMAN, 2011).

Entretanto, o posicionamento do ex-presidente da época, Fernando Henrique Cardoso mudou muito após seu mandato. Em entrevista à revista Superinteressante, para uma edição especial publicada em 2014, o ex- presidente admite o erro em sua gestão e volta atrás no que para ele, na época, parecia correto. Ele pondera o porquê de muitos brasileiros não aceitarem bem a ideia da legalização.

Ainda há muito preconceito e desinformação. Droga é um tema que inspira medo nas pessoas. É preciso explicar incansavelmente que o que estamos buscando são maneiras mais humanas e eficientes para lidar com um problema grave. Isso implica uma discussão aprofundada, confrontando exemplos e experiências para avaliar o que funciona. Setores da classe política no seu conservadorismo, querem impor neste tema uma visão simplista que não dá conta da complexidade do problema. Quanto mais o tema for discutido sem medo nem preconceito, mais os jovens terão a possibilidade de se informar corretamente sobre os riscos das drogas e agir com responsabilidade.” (NOGUEIRA, 2014, p. 6).

Em 1998, aconteceu em Nova York uma reunião da ONU que tinha como intuito planejar o que eles entendiam como ofensiva final dessa guerra. Com o slogan “Um mundo livre de drogas: é possível”, todos os países-membros concordaram em, no prazo de 10 anos, erradicar as drogas do planeta. (BURGIERMAN, 2011).

Os 10 anos se passaram, mas o plano não saiu como previsto. As drogas não foram eliminadas, e o consumo aumentou significativamente no mundo inteiro: maconha aumentou 8,5%; cocaína 25%; e heroína e outros opiáceos 34,5%. Surgiram drogas mais potentes e perigosas e o crime organizado ficou mais poderoso e lucrativo (BURGIERMAN, 2011).

A razão principal para um fracasso tão retumbante é que a humanidade tentou resolver um problema complexo por meio de um sistema simples. Há dois tipos de sistemas, os simples e os complexos. Os simples são relações diretas de causa e consequência. Pense, por exemplo, em um sistema criado para manter uma sala fechada em temperatura constante. O sistema é composto de um termostato e um aparelho de ar condicionado. Se a temperatura sobe um grau, o termostato detecta o aquecimento, o ar-condicionado é ligado e a temperatura baixa. Simples assim: aumento de temperatura e ar condicionado e redução de temperatura. Em sistemas simples, usar a força tem bons resultados: quanto mais potente o ar-condicionado, mais rápido a temperatura cai. Quando há apenas uma causa para cada consequência, faz sentido combater a causa de maneira firme. (BURGIERMAN, 2011, p. 13).

A guerra contra as drogas iniciada por Nixon foi considerada pelos próprios comandantes do projeto como o maior desastre de políticas públicas do século XX. Em 2011, líderes mundiais se reuniram e formaram a *Comissão Global de Política de Drogas*. Afirmaram no relatório *War on Drugs*, lançado em 2 de junho de 2011 em Nova York: “A guerra global contra as drogas fracassou, com efeitos devastadores para os indivíduos e as sociedades do mundo todo” (BURGIERMAN, 2011, p. 7).

A maconha está no centro dessa política, por que é a droga ilícita mais usada no mundo. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), existem cerca de 210 milhões de usuários de drogas, sendo que, destes, 165 milhões consomem maconha, ou seja 80% do total. Sendo assim, grande parte desse combate às drogas é indiretamente um combate ao uso de cannabis. Mudar a forma de lidar com ela é alterar fundamentalmente a política de drogas e amenizar o cenário atual.

2.2 Uso da erva para fins medicinais

O uso terapêutico da maconha é milenar. A mais antiga enciclopédia de medicamentos do mundo, escrita há 6.000 atrás, na China, com conhecimentos do segundo milênio antes de Cristo, já indicava a erva para cura de diversos males. Na sociedade ocidental, ela teve algum reconhecimento na segunda metade do século XIX, chegando a ser receitada para dor, náuseas, epilepsia e outros problemas. (BURGIERMAN, 2011)

Glória que chegou ao fim nas décadas de 1930 e 1940, conforme vários países foram criminalizando seu uso. Principalmente depois da Convenção Única de Entorpecentes da

ONU de 1961, que já foi mencionada anteriormente quando seus usos medicinais foram proibidos.

Cada vez mais, pesquisas, estudos e experiências comprovam a utilidade da maconha para o tratamento de uma grande diversidade de doenças. E apesar da lei brasileira ter tomado algumas providências que preveem o uso medicinal, a falta de regulamentação impede sua aplicação de forma eficaz no país. Atualmente, para um paciente obter um salvo conduto, primeiramente, é imprescindível ter prescrição médica receitando óleo de cannabis, ou a planta em si para o tratamento.

Juntamente à prescrição médica, é preciso escrever um pedido, destinado ao juiz do juizado criminal da área onde ocorre o cultivo, com um relato detalhado do estado de saúde do paciente, incluindo também garantias fundamentais contidas na constituição federal como fundamento jurídico, preferencialmente com um advogado que tenha experiência na área, como consta no próprio site da Anvisa.

Um processo burocrático e demorado, que se torna um grande empecilho para os pacientes que precisam muito do remédio. E isso levanta uma outra problemática social: famílias que não têm condições financeiras para comprar e exportar o produto, ou pagar advogados, mas que precisam fazer a utilização do óleo. A legislação atual prejudica principalmente os menos abastados.

São muitas as doenças cujo tratamento já foi relacionado com a maconha, mas o contexto proibicionista faz com que estudos e pesquisas médico-científicas sejam muito defasados. Entretanto, vem aumentando o número de médicos que prescrevem a receita para os pacientes.

Paulo Fleury, um dos entrevistados para esse trabalho é pioneiro no país no tratamento de epilepsia e autismo com Cannabis. Ele afirma que em suas experiências obtém 70% de resultados bons ou excelentes como pode ser visto na tabela a seguir:

resultados gerais tto de autistas com óleo de canabis.ods

Planilha2				
	A	B	C	D
1	Percentual dos resultados gerais obtidos com óleos ricos em cbd e ricos em thc.			
2	Classificação dos resultados gerais	Melhores resultados	Piores resultados	Estimativa geral
3	Bons ou excelentes	72.00%	64.00%	66.00%
4	Indiferentes	10.00%	35.00%	23.00%
5	Ruins /Piora	5.00%	22.00%	11.00%
6	Total			100.00%
7				
8				
9	Percentuais de Melhora ou melhora acentuada. Oleos ricos em cbd e óleos ricos em thc			
10	Sinais / sintomas ou aspectos considerados	Melhores resultados	Piores resultados	Estimativa geral
11	Controle de crises convulsivas	100.00%	75.00%	83.00%
12	Controle de Insônia	83.00%	67.00%	75.00%
13	Desenvolvimento de fala e comunicação	72.00%	61.00%	73.00%
14	Redução ou retirada de medicação neuropsiquiátrica	90.00%	66.00%	82.00%
15				

(Tabela concedida pelo médico Paulo Fleury.)

Segundo o Relatório Anual da Rede de Aviso de Conscientização sobre Drogas, publicado pela Administração de Serviços de Abuso de Substâncias e Saúde Mental (SAMHSA), nunca houve uma morte registrada pelo uso de cannabis.

Muitos estudos posteriores apontam como fisicamente impossível para um ser humano morrer de uma overdose da planta e seus extratos. Mas é claro que deve-se considerar que a ignorância sobre os possíveis efeitos negativos é um problema muito grande também.

A proibição coíbe estudos, pesquisas e experiências mais aprofundadas, e a total falta de controle da qualidade faz com que os usuários fiquem sujeitos a qualquer tipo de maconha. E em se tratando de uma planta tão complexa, e com variadas substâncias ativas, algumas de suas propriedades seguem completamente desconhecidas.

Não temos conhecimento Médico-Científico para afirmar o mal que pode fazer e que mal seria esse. Afinal, todos os estudos feitos até hoje foram feitos em contextos proibicionistas passíveis de questionamentos sobre sua veracidade.

2.3 Racismo e justiça seletiva

É imprescindível ressaltar a importância de se encarar realmente o debate sobre a legalização. O consumo da planta vem aumentando entre jovens e adultos. Segundo o Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), realizado por pesquisadores da

Universidade Federal de São Paulo, cerca de 1,5 milhão de adolescentes e adultos usam maconha diariamente no Brasil. Ainda de acordo com esse estudo, mais de 3 milhões de adultos, com idade entre 18 e 59 anos, fumaram maconha no último ano e 8 milhões afirmaram já ter experimentado uma vez na vida.

Entretanto, mesmo diante desse cenário, no Brasil a lei vigente com relação a nosso problema com drogas sofre um julgamento apaixonado, permeado por atitudes moralistas e um tratamento policial muito questionável, baseado na maioria das vezes em preconceitos e estereótipos.

Em tese, o usuário não pode ser preso em flagrante, e sua pena consiste em advertências e medidas educativas. É considerado traficante quem importa, exporta e cultiva matéria-prima para venda de drogas, com penas que variam de 5 a 15 anos de cárcere.

Segundo o § 2º do art. 28 da Lei de Drogas, cabe ao juiz determinar se a droga apreendida era para consumo pessoal ou para comercialização, e julgar a partir da quantidade apreendida, o local, a circunstância, antecedentes, contexto pessoal e social que a pessoa está inserida.

Entretanto, o que se observa é um cenário em que a violência policial, no contexto dessa guerra às drogas, tem como principal alvo negros pobres de periferia, ainda que o tráfico e uso de substâncias ilícitas aconteça em todas as classes sociais.

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, feito em 2017 e divulgado em dezembro deste ano. O Brasil é o terceiro país do mundo com maior número de pessoas presas, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. São 726.712 mil presos, houve um crescimento de mais de 104 mil pessoas, em 2016 eram 622 mil presos. Cerca de 40% são presos provisórios, não possuem condenação judicial. Mais da metade dessa população é de jovens de 18 a 29 anos e 64% são negros.

Os crimes relacionados ao tráfico de drogas são os que mais levam pessoas às prisões, com 28% da população carcerária total. De acordo com o relatório, 89% da população prisional estão em unidades superlotadas. São 78% dos estabelecimentos penais com mais presos que o número de vagas. Comparando-se os dados de dezembro de 2014 com os de junho de 2016, o déficit de vagas passou de 250.318 para 358.663.

A legalização efetivamente não conduzirá ao caos. Ao contrário, permitirá a introdução de uma regulamentação e de um controle legais, assim substituindo a danosa e dolorosa intervenção do sistema penal que, na realidade, conduz a uma total ausência de controle sobre o mercado tornado ilegal. Um dos maiores paradoxos do proibicionismo criminalizador está no fato de que a ilegalidade significa exatamente a falta de qualquer controle sobre o supostamente indesejado

mercado, entregue a agentes que, atuando na clandestinidade, não estão sujeitos a quaisquer limitações reguladoras de suas atividades. Limitações reguladoras podem ser visualizadas, com clareza, no próprio âmbito das substâncias psicoativas, bastando pensar nas diversas restrições legais a que estão submetidas a produção, a distribuição e o consumo das drogas lícitas. (KARAM, 2009, p. 1)

A lei de drogas do Brasil está completando 10 anos e, desde então, alguns apontamentos já podem ser feitos com relação a avanços e retrocessos. A despenalização do uso pode se considerar um avanço em relação ao que se tinha antes, que era a criminalização total, a visão sobre o usuário muda um pouco, que vai de segurança pública para saúde pública, em teoria pelo menos.

Por outro lado, observa-se um endurecimento das penas para tráfico, e o que temos é essa dicotomia entre usuário e traficante, o direito ao uso fica restrito a pessoas de classe média alta. Quem mora em periferia, pobre e negro, sendo usuário ou não, em muitas situações devido ao julgamento parcial de policiais e juízes pode ser enquadrado como traficante.

Se ele conseguir provar que é só usuário, ainda terá que responder por processos criminais, que geram um impacto negativo que podem ser gatilhos para comportamentos muito piores, além de instigar essas pessoas a entrarem de fato na criminalidade, devido aos prejuízos causados socialmente pós-cárcere.

Ora, no Brasil se diz que todos são iguais perante a lei, mas é lei que “ não cola”. Todos sabem, os dados mostram (basta ver o índice de concentração de renda) e todos se percebem profundamente desiguais. Esse é o pano de fundo histórico em que, nas condições de aplicação das políticas neoliberais, a atual violência se tornou explosiva. Pelo lado da criminalidade, ela tem que ser entendida como produto da crise socioeconômica que degradou profundamente o emprego. Os marginalizados e excluídos, sobretudo os mais jovens, sem empregos, sem escolas e equipamentos de lazer, são tentados a entrar na estrada da criminalidade. E ao invés da pedagogia, as classes dominantes respondem a isso com a construção de mais prisões , a invenção de regimes prisionais absurdamente desumanos, o critério de aumento das penalidades. (CRUZ E SOUZA et al., 2009).

3 DOCUMENTÁRIO

A escolha desse formato surgiu de forma espontânea, apesar da ideia inicial de fazer uma reportagem multimídia. Ao recolher todas as entrevistas, foi sugerido pela orientadora do projeto que fosse feito um documentário, pois na construção do projeto notou-se uma grande riqueza em se tratando de material audiovisual.

O documentário é o gênero de filme que mais se aproxima do jornalismo eletrônico. Apesar de sua característica de transformar o banal em espetáculo cinematográfico, continua poético e subjetivo, imprimindo a perspectiva do diretor.

Esse documentário possui dois estilos dominantes, participativo e poético. Segundo Bill Nichols, o documentário participativo é, como o próprio nome sugere, caracterizado pela participação do documentarista em todo o processo de gravação e filmagem, com o intuito de mostrar as entrevistas de forma mais real e instigar os entrevistados a falar. As entrevistas carregam uma concepção informal e denotam total liberdade para as fontes em expor seus pontos de vista a respeito do assunto.

O estilo poético também é presente durante todo o filme, pois o fio condutor que desenrola e une as entrevistas é um “SLAM”, uma poesia de autoria própria, sem adereços ou acompanhamento musical, a voz é responsável pela entonação.

Nicholls argumenta que a relação do público no formato participativo se dá principalmente na ideia de testemunhar o mundo histórico a partir da visão não-parcial do documentarista, que se coloca engajado a uma perspectiva. Ao contrário da suposta observação sem intervenções e imparcial no modo observativo, no modo participativo, o documentarista pode atuar como cúmplice, acusador ou provocador com os outros atores sociais.

No Brasil já foram feitas algumas grandes produções sobre o tema. *Quebrando o Tabu* é um filme brasileiro sobre o combate às drogas, dirigido por Fernando Grostein Andrade com a participação em depoimentos de personalidades como Fernando Henrique Cardoso, Paulo Coelho e Dráuzio Varella. Contando também com a participação de Jimmy Carter e até Bill Clinton.

Fernando Henrique Cardoso vai em busca de soluções, princípios e conclusões, com a abordagem focada em discussões sobre a descriminalização das drogas, além de pessoas comuns que tiveram suas vidas atingidas pela Guerra às Drogas, até experiências de Drauzio Varella, Paulo Coelho e Gael Garcia Bernal.

No documentário *Cortina de Fumaça*, Rodrigo Mac Niven busca apontar, através de entrevistas com diversas pessoas relacionadas ao tema “drogas”, as incontáveis falhas do sistema repressor vigente. Mac Niven coleta relatos de delegados, acadêmicos e inclusive produtores de maconha, para embasar sua teoria de que a criminalização das drogas não é capaz de diminuir o problema e sim piorá-lo.

Mais recentemente, em 2016, foi produzido o documentário *ILEGAL: A vida não espera*, com direção de Raphael Erichsen e Tarso Araujo. Esse filme registra o movimento de mães pela legalização de remédios derivados da maconha, proibidos no Brasil.

Apesar de acompanhar a rotina de luta de diversas mães, Tarso destaca a história de uma delas. Colocando de um lado uma criança de 5 anos com uma forma rara de epilepsia, grave e sem cura atualmente, e do outro lado uma substância derivada da maconha que diminui em 100% as convulsões da criança. Entre as duas, a lei e a burocracia que dificultam o acesso a essa medicação.

Documentário é um formato que permite imprimir um ponto de vista específico. Permite ao documentarista fazer recortes e enfatizar aquilo que considera mais importante. Procurando sempre manter a ótica da realidade, retratada a partir de uma construção narrativa.

O documentário começa a ganhar interesse quando se mostra capaz de construir uma visão ampla, densa e complexa de um objeto de reflexão, quando ele se transforma em ensaio, em reflexão sobre o mundo, em experiência e sistema de pensamento, assumindo, portanto, aquilo que todo audiovisual é na sua essência: um discurso sensível sobre o mundo. (MACHADO, 2003, p. 68)

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

A ideia desse projeto passou por diversos formatos até a escolha do documentário. Apesar de documentário ter sido a ideia inicial, por eu não ter experiência nem com filmagens nem com edição, eu e minha orientadora tentamos pensar em outras opções. Passamos por página do Facebook, site e então, por um tempo, concluímos que uma reportagem multimídia seria a melhor opção.

Na reportagem multimídia seria possível agregar ao texto corrido vídeos, gráficos, fotos e quadrinhos. Por se tratar de um tema bastante complexo e polêmico, quanto mais formas de explicar e explanar a informação, melhor ela seria digerida.

Entretanto, eu estava fazendo a disciplina Documentário juntamente ao projeto e acabei me aprofundando na arte de documentar. Aventurei-me sozinha a aprender com tutoriais do YOUTUBE como editar vídeos no programa Premiere e me surpreendi por achar mais fácil que eu imaginava.

Quase todas as entrevistas que eu havia feito eram filmadas, o que me deixou com um material audiovisual muito rico. Após a experiência de produzir um documentário na disciplina que estava fazendo, decidi que o projeto seria também nesse formato, pois me sentia muito mais preparada do que quando comecei a trabalhar a ideia.

O primeiro passo foi pesquisar bastante a respeito do tema, li muitos artigos, alguns livros e assisti a diversos documentários. Quanto mais pesquisava sobre o tema, mais tinha certeza de que estava fazendo a coisa certa em trabalhar com isso. Se trata de assunto pertinente, importante e extremamente atual no cenário não apenas brasileiro, como mundial.

Pensar a maconha de forma inteligente é a saída que muitos países estão encontrando para melhorar o problema interno com drogas. Principalmente por que a maconha é a droga ilícita mais usada no mundo e, em comparação até mesmo a drogas lícitas, causa muito menos efeitos negativos e vem se mostrando uma alternativa natural para cura e tratamento de diversas doenças.

Após uma etapa de pesquisa e aprofundamento no assunto, dei início às entrevistas, procurei especialistas, usuários, médicos, advogados, policiais, traficantes, ativistas e até artistas que pudessem, a partir de um diálogo, trazer informações que sustentariam o argumento da importância da regulamentação da maconha no Brasil.

Fui em busca de uma polifonia variada, para que diversos pontos de vista pudessem ser escutados: cada fonte teria sua parcela de informação para passar. A princípio, em vídeos que seriam colocados no desenrolar de um texto corrido da reportagem multimídia.

Quando decidi que seria um documentário, tive o problema de coletar as partes importantes das entrevistas que foram feitas direcionadas a serem vídeos da reportagem multimídia. Transformar uma entrevista que foi pensada para ser um pequeno vídeo em uma reportagem multimídia, em trechos de um documentário é bem complicado. Por que na primeira ideia, o meu entrevistado teria um vídeo só para ele, então mais tempo para que eu apresentasse o personagem, e ele fizesse suas colocações. No documentário, era necessário pensar em um diálogo entre as fontes.

4.1 Entrevistas

A primeira entrevista gravada foi com Pedro Drummond e Rodolpho Leã, usuários de maconha medicinal. Peguei os equipamentos emprestados no almoxarifado da universidade e convenci uma amiga a ir comigo só de companhia (mas que foi uma boa ajuda também para me deixar mais confortável com os garotos), Caroline Calsavara. Assim que cheguei lá, percebi que teria dificuldades técnicas sérias para lidar com a câmera de vídeo: não sabia nem ligar a câmera direito e muito menos enquadrar.

Coloquei os dois sentados na minha frente, num sofá amarelo com um quadro pintado com as ruas de Ouro Preto atrás. Segurei a câmera com uma das mãos e, com a outra, meu bloquinho de perguntas. As gravações ficaram horríveis, eu cortava a cabeça deles e mexia muito a mão, além de que muitas vezes não sabia se prestava atenção nas imagens, neles falando ou nas perguntas que viriam em seguida.

Em uma tomada, eu teria pego um ótimo relato com a mãe de um deles, falando sobre como tinha problemas quando o filho usava remédios tarja preta, e como ela agora se sente mais tranquila, percebendo a diferença notável no rapaz após a troca dos medicamentos por maconha medicinal. Perdi, peguei só um pedaço e ficou mal filmado. Fomos conversar no quarto de Rodolpho Leã e Pedro também quis que experimentássemos, eu e minha amiga, o óleo e a cannabis que ele utiliza.

Começamos a conversar sobre maconha mesmo, o cenário atual, algumas previsões e percebi um ótima oportunidade de consertar o que tinha feito na primeira tentativa de

entrevista. Coloquei a câmera filmando em um lugar e continuamos conversando. Claro que avisei a eles que estava filmando, porém após algum tempo eles se esqueceram e eu consegui bons relatos dos rapazes nesse momento. Entretanto, não foi suficiente, e eu acabei remarcando a entrevista com os dois.

Durante o processo, ainda no mês de maio, aconteceu a Marcha da Maconha. Como pesquisadora e jornalista trabalhando com o assunto, era imprescindível minha presença neste evento. Dessa vez, peguei na UFOP câmera fotográfica, filmadora, tripé e não peguei microfone. O meu namorado da época, Daniel Ximenes, me ajudou muito. Enquanto eu ia de pessoa em pessoa na marcha, ele carregava todos os equipamentos para mim e ainda tirou algumas fotos.

Eu fiz uma enquete, perguntando a todas as pessoas: “Por que você acha que a maconha deveria ser legalizada?”. Tive todo tipo de resposta, oriundas de todos os tipos de pessoas. Comerciantes, estudantes, psicólogos, vereadores, artesões, organizadores da marcha, pessoas com crianças, grávidas, pretos, brancos, pardos, ricos e pobres.

Uma grande variedade de pessoas, porém nenhum termo de consentimento para uso de imagem assinado, além de o fato de não ter levado o microfone ter comprometido e muito o áudio. Ou seja, entrevistas incríveis, relatos ótimos, mas muita insegurança de trabalhar com eles. Alguns com crianças eu poderia excluir definitivamente e alguns áudios ficaram tão mal capturados que nem legendas resolveriam.

Mas nem tudo estava perdido. Algumas muito boas conseguiram se salvar, e sendo maiores de idade e me concedido nome e idade, podemos considerar como um consentimento.

Ter alguém para carregar os equipamentos para mim foi realmente uma grande ajuda, por que enquanto a marcha estava acontecendo, eu pude correr entre as pessoas e fazer ótimas fotos e alguns vídeos do pessoal gritando e cantando, imagens que valeriam o encerramento do documentário com os créditos.

Como eu já havia mencionado, a intenção no primeiro momento era fazer uma reportagem multimídia, portanto algumas entrevistas poderiam ser feitas por e-mail ou Facebook. Cheguei a entrevistar um mestrando em direito sobre uma dissertação falando sobre a maconha e, por Facebook, entrevistei também Cassiano Esperança, que é o responsável pela primeira distribuidora do óleo de CBD legalizada no Brasil.

Fui a Belo Horizonte, dessa vez com duas amigas, Caroline Calsavara e Vera Guimarães. Tinha marcado uma entrevista com o médico Paulo Fleury, um médico muito famoso e ativista pró-cannabis. Pioneiro no Brasil no tratamento de autismo e epilepsia com

maconha, fumada ou extração, levamos algum tempo para chegar a casa dele na Pampulha. Assim que chegamos, ele tinha que sair. A entrevista acabou sendo realizada no carro, na volta do médico para o centro, pois ele tinha uma reunião.

Paulo fumou durante toda a entrevista, suas falas eram grandes, porém tudo que ele falava soava extremamente importante. A entrevista rendeu uns 40 minutos, seria um grande trabalho para edição, mas, apesar de improvisado, o cenário era perfeito. O áudio estava excelente, minhas mãos seguravam a câmera enquadrando bem o médico e tive até a sorte de pararmos do lado de um carro de polícia enquanto Paulo falava sobre a guerra às drogas e repressão policial. O Problema é que esse cenário, apesar de interessante, acabava descredibilizando um pouco o Dr. Paulo, então tive que pensar em outra solução.

Nesse mesmo dia, eu tinha uma entrevista marcada com Daben, um dos organizadores da marcha da maconha, o primeiro a “pôr as caras”, segundo ele mesmo. Essa entrevista foi marcada na loja Jamaicanas, uma HempStore, ou seja, uma loja dedicada unicamente a vender artigos relacionados à cultura canábica.

A minha entrevista com Daben foi bem curta, acredito que ele tenha ficado um pouco intimidado com as câmeras. Timidez essa que não se via em Victor Mujica, o dono da loja Jamaicanas. A princípio, a loja seria apenas um cenário incrível, cheia de cores, artigos diferentes e maconha para todo lado.

A loja era realmente ótima, mas não supera o discurso social direto, pertinente e eloquente de Victor. Acabei encontrando, por acaso, um dos protagonistas do meu filme. Entretanto, a primeira entrevista que fiz de improviso com ele nesse dia mesmo não ficou muito boa. Eu não tinha as perguntas certas e não tinha enxergado logo de cara o potencial da loja e de Victor. Após a decupagem, uma certeza: eu teria que voltar lá.

Continuei fazendo muitas pesquisas e me surpreendia sempre por que o assunto está tão em alta que todos os dias eu conseguia encontrar notícias diferentes em mídias do mundo inteiro falando sobre novas tendências na política de drogas do mundo.

Finalizei o semestre ainda sem a conclusão do projeto, mas não me preocupava com prazos, pois pretendia apresentar o melhor trabalho possível dentro da minha proposta, e para que isso fosse concretizado da forma como eu gostaria eu levaria mais tempo que apenas um semestre.

No semestre seguinte, eu estava cursando documentário no curso. Após eu mostrar meu material para o professor Adriano Medeiros, ele me sugeriu que utilizasse o material para a produção do documentário da disciplina. Mas agora eu teria uma equipe pra me ajudar

com as outras entrevistas que viriam, e isso mudou bastante a qualidade do trabalho produzido.

4.2 Trabalhando em equipe

A equipe era formada por Caroline Borges, Pedro Meneggeti e Felipe Passos. Todos, exceto Filipe, já eram amigos desde o começo da graduação, o que acabou sendo bom. Mas o processo foi difícil em alguns pontos, por que como eu já tinha o roteiro e narrativa pensados, a princípio fiquei um pouco resistente a mudanças. Mas fui me tornando mais flexível e as ideias foram de grande ajuda.

O nome PLANTA CLANDESTINA apareceu nesse período, eu e Pedro Menegetti em um *brainstorm* chegamos a conclusão de que a principal ideia a ser passada com esse documentário era que a maconha se trata apenas de uma planta, que tem muitas utilidades, e que existe no nosso país em todo lugar, mas em um contexto em que se mantém clandestina por razões irrisórias.

Fomos a Belo Horizonte juntos, onde filmamos outra vez Pedro Drummond, o usuário de maconha medicinal e entrevistamos outra vez também Vitor Mujica, dona da loja Jamaicanas de artigos de maconha.

Na entrevista com Pedro Drummond, o membro Pedro Menegetti, por ter uma visão sempre conceitual, estética e artística acabou extrapolando nas filmagens, o que fez com que em algumas imagens, a forma como foi filmado chamava mais atenção do que o que o entrevistado estava falando, e isso foi um grande problema na hora da edição.

A entrevista com o Vitor Mujica foi muito boa, mas, por incrível que pareça, as imagens que fiz improvisadas da loja na primeira vez que fui estavam melhores. Optamos por escolher essas. Ainda em equipe, filmamos um policial, um traficante e Jussara Lopes, professora de Serviço Social da UFOP.

Para a entrevista do policial, eu e Pedro Menegetti fomos para Pedro Leopoldo, a cidade em que a minha mãe mora. O policial era um amigo meu e concordou em dar a entrevista desde que a sua identidade fosse preservada. Pedro fez as imagens alternando entre embaçar a imagem e filmar apenas mãos e pés. O policial foi muito coerente e mostrou sua opinião apontando os dois lados da moeda.

Já na entrevista com o traficante, que por razões óbvias também não quis se identificar, optamos por apenas embaçar a imagem. Ao final da apresentação do documentário, feito para a disciplina, o professor Adriano Medeiros sugeriu que nas imagens

do policial não utilizássemos os dois estilos (embaçado / mãos e pés), mas que optássemos por apenas um, pois poderia ficar bem cansativo para quem estava assistindo.

A entrevista com a professora Jussara aconteceu em Mariana mesmo, na casa do Pedro Menegetti. Nessa entrevista eu aprendi que não deveria utilizar maconha para fazer a entrevista. Eu acabei perdendo bons momentos da fala da entrevistada, por interrompê-la constantemente.

As imagens dessa entrevista tiveram o mesmo problema da entrevista com o Pedro Drummond: algumas vezes as imagens chamavam mais atenção do que o que ela falava. Na edição foi preciso muito esforço para “cobrir os buracos”. Utilizamos diversos métodos para isso, colocamos algumas manchetes, informações, legendas, áudio com a tela preta.

Essa complicada edição foi feita com uma grande ajuda de um dos componentes da equipe, Felipe Passos, que para além de ajuda na parte técnica, também agregou muitas ideias excelentes para o projeto.

Ao final da disciplina, apresentamos um documentário de 20 minutos. Esse documentário começa com a fala do psicólogo na Marcha da Maconha introduzindo o tema da legalização da maconha. Em seguida vem a abertura, que fizemos totalmente no improviso com o integrante Pedro Menegetti soprando fumaça em um fundo preto. Começamos fazendo isso só para testar e ficou bem legal.

Para dar sequência ao primeiro entrevistado, o policial fala sobre o papel dele como agente da justiça frente à proibição das drogas e as formas de tratamento do estado em relação a ele e à lei. Em seguida, fala sobre a visão do estado sobre a proibição e como o assunto é tratado como questão de segurança pública quando deveria ser levado como um problema de saúde pública. E também sobre os gastos referentes à guerra às drogas e de que maneira esse dinheiro poderia ser investido em outros setores.

Ele comenta ainda sobre seu desejo pessoal de ver o fim da guerra às drogas, pois a considera um fracasso, a questão usuário/traficante, como o próprio agente da lei delimita, a partir as sanções penais presentes na lei, o que classifica uma pessoa apreendida como traficante e como usuário.

O segundo entrevistado é o comerciante ilegal de maconha que fala sobre seu lucro dentro do negócio e assume que o ganho é considerável, mas que o risco também é. Entretanto, pontua que as quantias mais significativas quem ganha são os traficantes maiores, que a polícia não investiga.

Após a fala do comerciante, vem uma vinheta com uma folha de maconha e a trilha do Planet Hemp (Legalize Jah!). Em seguida é introduzido o terceiro entrevistado, Gustavo,

entrevistado durante a Marcha da Maconha em Belo Horizonte, que argumenta a favor da legalização afirmando que é só uma semente, como qualquer outra planta.

Logo depois entra o estudante Pedro Gaban, dando voz à questão do racismo dentro do tema legalização. A professora Jussara complementa a fala do estudante afirmando que atualmente ocorre um genocídio negro e sua afirmação é corroborada pela utilização de letters com números oficiais sobre o homicídios de negros.

O sexto entrevistado abre a discussão para a questão medicinal, para em seguida o paciente de maconha medicinal, Pedro, dar visibilidade a esse lado da legalização. Pedro fala sobre o início do tratamento, como ele lida com a maconha, sua história, como a maconha hoje em dia é o que o mantém vivo e de que forma os pais receberam essa realidade.

O médico Paulo Fleury dialoga com Pedro falando sobre a maconha na medicina e a importância da valorização da mesma. A fala de Pedro sobre seus pais serve de chamada para o nono entrevistado, um comerciante que levava sua filha à Marcha, em Belo Horizonte, pró legalização.

O último entrevistado é Vitor Mujica, dono da loja Jamaicanas, introduzindo um diálogo mais informal e muito bem construído em que defende que todos já fazem uso da maconha, e a legalização só permitiria que a qualidade fosse controlada e a faixa etária dos usuários pudesse ser levada em conta, já que em comércios ilegais, essa questão é totalmente irrelevante. A produção é encerrada com imagens da Marcha deste ano acompanhadas dos créditos.

4.3 Mudança de planos

Após o fechamento desse documentário, eu decidi fazer outro para o TCC, melhor e mais estruturado, corrigindo o que esse teve de ruim. Por que, apesar de muito rico de polifonia, e com uma narrativa fluente, algumas partes estavam muito grandes e as pessoas se distraem facilmente enquanto assistiam. Eu mostrei esse documentário a muitas pessoas e, apesar de ele ser muito elogiado, eu sabia que faltava alguma coisa, e que ele ainda precisaria de muitas modificações.

Primeiro, que eu deveria escolher os personagens, intercalando falas curtas sobre o mesmo assunto. A princípio, nesse primeiro protótipo, cada personagem falava sobre sua própria perspectiva, por exemplo, policial falava sobre a guerra às drogas, o traficante sobre tráfico, a professora sobre o genocídio negro e o Pedro sobre maconha medicinal.

No entanto, em todas as entrevistas, todos os entrevistados falavam um pouco sobre quase todos os pontos. Então percebi que um complementar o outro e com menos personagens seria mais fácil cativar as pessoas focando nas histórias de cada um deles.

A linha condutora desse primeiro documentário era a Marcha da Maconha. Entre os entrevistados, aparecia um cidadão que estava na marcha para poder introduzir o assunto a ser abordado no momento. Entretanto, o fato de eu não ter nenhum termo de consentimento, ter imagens de crianças e a qualidade do áudio não ser das melhores, optei por tirar essas entradas com essas pessoas.

Eu tinha um novo problema em mãos, o que agora poderia ser o fio condutor que ligaria as entrevistas e um assunto no outro? Eu sou o tipo de pessoa que acredita em potencializarmos o que temos de melhor e saber utilizar de nossas habilidades em todos os aspectos de nossa vida.

Eu, além da faculdade de jornalismo, sou rapper, tenho muita facilidade em criar poemas e rimas, então pensei em acrescentar um caráter poético ao documentário e escrevi um Slam, para que este seja o fio condutor da narrativa. Eis o Slam:

É engraçado de observar o caos que acontece
em volta de uma planta, que é só jogar a sementinha que cresce.
A coroa portuguesa já conhecia essa planta tão diferente,
Utilizava suas fibras para cordas e tecidos resistentes.
Isso aconteceu por volta de 1770,
mas não é só de cânhamo que a Cannabis se sustenta.
Os africanos já conheciam e os escravizados trouxeram pra cá.
Uma forma de alívio e uma maneira de se expressar
tentar enaltecer uma cultura e amenizar o seu pesar.
Então desde muito tempo, a figura da maconha é vista com maus olhos.
E os Estados Unidos ajudaram a incentivar esse ódio.
Quando em 1971, o presidente Nixon declarou:
_ Drogas são nosso inimigo número um, e agora acabou.
Pro Brasil, americano é doutor, e depois de um congresso na ONU
A guerra começou.

80% dos usuários de drogas ilícitas são usuários de maconha

O tempo e dinheiro que o país perde para lidar com isso é uma vergonha

E os maiores prejudicados, você pode adivinhar
A batalha contra o preconceito diário que os pretos têm que lutar
Alforria pra quem, deixa eu te perguntar?
Que liberdade é essa que a casa grande ousa argumentar?
Rafael Braga tá aí pra provar, 11 anos de prisão, só pra começar.
Enquanto filho de desembargadora paga alguns reais pra se safar.
Onde a injustiça desse país vai parar?
Em qual momento vamos parar pra pensar,
que tá errado e do jeito que tá não dá pra ficar?
A própria Anvisa já reconheceu de várias formas diferentes,
e com certeza já se convenceu
que o rolé é tentar pensar a maconha de forma inteligente, já é inegável e ridículo afirmar,
que dessa planta nada se pode aproveitar.
Síndrome de Touret, Câncer, TDH, artrite.
Enxaqueca, Glaucoma, Mal de Alzheimer, falta de apetite.
Epilepsia, autismo, esclerose múltipla, sintomas da AIDS
Insônia, náuseas, distrofia muscular e ansiedade.
E mesmo que eu citasse mais, a gente não descobriu nem a metade.
Precisamos aproveitar essa oportunidade, uma planta que cura tanta coisa
não pode ser clandestina na sociedade.
A resistência continua e a massa segue firme
enquanto continuar quartel, criança continua no crime
Não adianta colocar maconheiro na prisão,
enche a cela, falta colchão
E isso, nem de longe, é uma recuperação.
Se você tem um problema com drogas, tem o direito de ser tratado com respeito.
A indignação é o que mais vibra no peito.
Investir em educação, saúde e bem estar, é nisso que o governo deveria se empenhar.
Melhorar a qualidade de vida. Qual é, Brasil, você não acredita?
A bandeira tá erguida, a verdade já foi dita.
Abre os olhos e desperte sua parte esquecida.
Liberdade pros nossos corpos, pra nossa mente e pras escolhas que estamos afim.
Se maconha faz mal pra você, eu não sei, mas quem é você pra falar que faz mal pra mim?

4.4 Bnegão

Apesar de já ter uma boa quantidade de entrevistas, muitos pontos de vista para serem avaliados, muito material para decupar, eu sentia que faltava algo mais para meu trabalho. Algo que chamasse atenção e que agregasse ainda mais informação ao debate. Então eu soube que o Bnegão se apresentaria em Ouro Preto.

Bernardo Santos é integrante do grupo Planet Hemp, o primeiro grupo de música e hip hop do Brasil a se posicionar a favor da legalização da maconha e a fazer músicas ativistas com relação ao tema. Era minha oportunidade de acrescentar um integrante de peso ao projeto.

Mandei um texto de mensagem para todas as páginas do Bnegão no Facebook, falando a respeito do projeto, de minhas intenções e perguntando sobre a possibilidade de uma entrevista com ele nesse dia em que ele estaria em Ouro Preto.

Demorou um pouco, mas ele mesmo respondeu, afirmando que iria estar na “correria”, mas que a causa era nobre e justa. O organizador do evento que ele participou era um amigo meu, então teoricamente estava tudo certo. Esse meu amigo faria a mediação e eu entrevistaria no hotel ou na própria casa de show. Iríamos decidir no dia, o que fosse mais viável.

Chegou o dia, um sábado, eu já tinha pegado todos os equipamentos necessários e possivelmente necessários no almoxarifado da universidade: projetor de luz, câmera filmadora, tripé, microfone de lapela e câmera fotográfica. Passei o dia inteiro em contato com o meu amigo que estava na organização do evento.

A apresentação do Bnegão seria de madrugada, uma hora da manhã. O meu amigo parou de me responder e lá pelas 22h eu percebi que ele não me responderia mais. Foi uma frustração muito grande, mas insuficiente para que eu desistisse.

O próprio artista me procurou após o show e disse lamentar por não ter dado certo, mas que tentaríamos de novo em uma nova oportunidade que ele viesse a Belo Horizonte. Ele veio mais uma vez, mas por me avisar em cima da hora eu não pude ir. Já a terceira vez, ele me avisou com antecedência, eu estava sem dinheiro e não tinha conseguido ninguém para me ajudar até então.

Conversei com o Pedro Drummond, o mesmo que tinha me concedido a entrevista, o usuário de maconha medicinal. Perguntei se ele teria disponibilidade de filmar para mim. Usaríamos a máquina “gopro” dele. Ele aceitou.

Tinha conseguido uma carona direto para Belo Horizonte com um amigo, mas este acabou cancelando. Comuniquei ao Bnegão que chegaria atrasada e ele disse que não tinha problema, então tive a brilhante ideia de ir pedindo carona até Belo Horizonte. Já estava quase anoitecendo, era definitivamente perigoso, mas eu tive que me arriscar, não poderia perder essa entrevista por nada.

Peguei uma carona até a rodoviária de Ouro Preto, outra carona até a cidade de Cachoeira do Campo, outra carona até Itabirito e quando cheguei lá, já era noite. A última carona foi meio desconfortável, pois o motorista chegou a me abordar perguntando se eu era prostituta. Após a negativa, seguimos viagem, eu morrendo de medo, mas mantendo o semblante confiante e inabalável, contando com a proteção de todos os meus guias espirituais. Chegando em Belo Horizonte, Pedro me esperava de UBER e continuamos a viagem até o hotel em que Bnegão estava hospedado.

Ao chegar ao hotel, uma desagradável surpresa: Bnegão não estava no local. O meu mundo caiu por alguns instantes, mas eu me recompus e ficamos aguardando notícias dele. Enquanto eu falava com ele no Facebook, ele nem sequer visualizava.

Quando eu já estava, de verdade, escrevendo uma “cartinha” no intuito de sensibilizá-lo para que ainda pudéssemos tentar fazer a entrevista no outro dia de manhã, ele deu um “Oi” no Facebook. O “Oi” mais feliz da minha vida: ele tinha saído para jantar mas já estava voltando.

Assim que ele chegou, fomos para o quarto dele e a entrevista foi incrível. Ele falou sobre muita coisa importante e muitos pontos que ainda não haviam sido mencionados. Após a entrevista, ainda tivemos a honra de acompanhá-lo em uma noitada num bar que se chama Growers, em Belo Horizonte, que tem esse nome inclusive em homenagem aos cultivadores de maconha. Fomos muito bem recebidos e inclusive o dono me ofereceu o bar para a estreia do documentário, afinal, todo esforço fora recompensado.

4.5 Finalização

Terminadas todas as entrevistas, era chegada a hora da edição, planejar como reunir todas as falas e fazer com que elas sejam sinérgicas umas com as outras. Para organizar a edição é preciso, primeiramente, decupar todas as imagens e escolher as partes mais importantes do que cada entrevistado está dizendo, para a partir desses fragmentos criar um roteiro que será o mapa para a construção da narrativa.

Decupar tantas imagens sozinha não foi fácil, muito menos passar por cima de todas as minhas dificuldades técnicas, seja com relação a não ter conhecimento perfeito do programa de edição, ou pelo meu computador muito velho ser terrivelmente lento, e travando toda hora. Além do que, nos últimos dias, estar esquentando tanto que eu jurava que ele iria desligar a qualquer momento e pifar. Isso realmente abalava meu psicológico.

Eu tentei convidar alguns amigos que sabem de edição a me ajudarem, porém todos estavam muito ocupados cuidando da própria vida. Eu mesma teria que editar a versão final toda sozinha. A base que eu tinha do documentário anterior ajudava um pouco, mas eu estava agora preparando um projeto completamente diferente.

Roteiro, montagem e narrativa teriam que sair do zero e chegar ao “UAU!”. Que era o que faltava no outro documentário, uma reação mais excitada, e eu precisava me virar para conseguir isso sozinha, independente das minhas limitações.

E assim fiz, decupei todas as entrevistas que eu tinha outra vez, analisando as partes mais importantes e dessa vez menos preocupada com o tempo de duração do documentário (na primeira vez, o professor colocara um limite de 20 minutos).

O vídeo abre com a primeira estrofe do SLAM, e de fundo um vídeo mostrando várias flores de maconha com as mais variadas cores e formatos, eu encontrei esse vídeo no YOUTUBE, feito por Jorge Cervantes, que possui um jardim de maconha. Li a respeito dos direitos autorais dos vídeos do YOUTUBE e vi que, desde que você utilize apenas um pedaço e ressignifique o vídeo, ele é considerado aceitável. A minha ideia foi suavizar a maconha, já a apresentando como uma planta bonita e com flores exuberantes (muitas pessoas nem sabem como é uma planta de cannabis de verdade, só conhecem ela já prensada).

Depois dessa entrada, eu mantive a abertura do outro documentário, pois tinha sido uma boa ideia minha e ainda cabia bem na proposta. No final do slam de abertura, a última frase é “E a guerra começou”. Após a abertura, eu acrescentei um letter em que se questiona “Guerra contra quem?” e com isso começamos a falar de racismo no filme.

Para iniciar o tema racismo, Pedro Gaban, estudante da UFOP, entrevistado na marcha da maconha. Eu cogitei não colocar nenhum vídeo da marcha, devido a má qualidade dos áudios, entretanto o Pedro tem uma fala muito sucinta e inteligente que abre portas para uma explicação mais fundamentada da professora Jussara, que vem logo em seguida.

Eu coloquei uma entrada para todos os principais entrevistados, para Jussara eu usei uma música da biblioteca livre do YOUTUBE. A professora inicia se apresentando e falando de como, não coincidentemente, a maconha foi criminalizada logo após a abolição da escravatura e chama atenção para o genocídio da população negra na sociedade atual. A sua

última fala é: “E os números são alarmantes”. Segue então a entrada dos letters com informações importantes sobre a violência contra negros do Brasil.

Ao fundo dessas informações está um vídeo feito de plantas de maconha dentro de uma estufa. As imagens variam entre o preto e o dourado da luz da estufa contrastando com algumas plantas que aparecem bem sutilmente. Essa ideia também já existia no primeiro filme.

Logo após, outro letter, explicando que a identidade do policial militar e do traficante foram preservadas por segurança. Na primeira entrada do policial, eu utilizei um áudio que tinha gravado com meu celular em uma pré-entrevista e montei com a imagem da entrevista em si.

O irônico dessa parte do filme é que o traficante e o policial pensam da mesma forma e levantam pontos muito parecidos. Nessa parte, mantive uma das falas do policial sobre a guerra às drogas com manchetes saltando a tela de diversos sites reforçando a ideia de como essa guerra é uma guerra perdida.

Para a entrada do Bnegão, utilizei cinco segundos de uma música do Planet Hemp. Bnegão fala de forma mais realista a respeito da legalização, sem firulas e falsas esperanças. Entretanto, finaliza dizendo que quem decide lutar precisa lutar de forma inteligente e semear nas frestas do sistema.

Após o término de sua participação, entra a segunda parte do SLAM, na qual eu falo do racismo. Utilizei imagens que achei no Google Imagens para ilustrar e o Google segue a mesma política do Youtube.

Após finalizado o Slam, outra participação de um entrevistado da Marcha. Dessa vez Laion, um simpático jovem negro e de periferia, exatamente o usuário considerado de maior risco. Mas, contrariando a expectativa, Laion chama atenção sobre a importância do uso da maconha para fins medicinais.

Assim abre alas para a entrada de Luiz Pedro Drummond, usuário de maconha medicinal que conta sua história e defende que sem a maconha nem sequer estaria vivo, além de comentar a relação de seus pais com seu uso da erva e a importância de se debater a respeito. Eu escolhi manter a parte de Pedro intacta, pois da primeira vez tinha gastado horas na edição. Mas eu tinha um grande problema: as imagens definitivamente não estavam muito boas e não seria esteticamente interessante cobrir a fala de Pedro com imagens. O que eu fiz foi destacar algumas de suas principais falas e ao final deixar apenas uma fala com fundo preto, que chamaria para o próximo entrevistado: Paulo Fleury.

Foi extremamente difícil editar a parte de Paulo, uma hora de entrevista poderia se tornar no máximo 5 minutos. Suas falas eram longas e, muitas vezes, ele retomava uma coisa que havia falado no início da entrevista, sem dizer a quantidade de “hmmm, ééé, hmmm... ééé”. Apesar disso, era uma entrevista muito rica de informação e coerência, e o mais difícil foi desapegar de alguns trechos excelentes.

O resultado foi satisfatório, pois ele fala de sua área, no caso, o tratamento de autismo com uso de Cannabis Medicinal. E pontua a ineficiência do sistema ao julgar de forma passional o relacionamento das pessoas com drogas.

Terminando a fala do médico, entra a terceira parte do Slam, no qual menciono algumas doenças que são possíveis de se tratar com uso de maconha medicinal. De fundo, algumas imagens que consegui com as associações APEPI e ABRACE e também outros pacientes.

Finalizando essa parte do Slam, entra Victor Mujica, das Lojas Jamaicanas. Victor dá um show de coerência e eloquência e termina de pontuar qualquer lacuna que tenha ficado durante o filme, enfatizando a gigante importância da regulamentação devido ao descontrole da distribuição e que o que as pessoas acham que poderia acontecer numa legalização “já acontece, as pessoas já fumam maconha”. Entretanto, as crianças e adolescentes estão a mercê de maconhas de qualidade duvidosa, além de pontuar que traficante nenhum pede identidade, não faz qualquer restrição para a venda.

Victor assume-se maconheiro e diz que abriu a loja para quebrar tabus, conversar e informar as pessoas, mostrar à população que maconheiros também podem perfeitamente ter uma vida digna e que merecem respeito como qualquer outra pessoa.

Ao terminar a parte de Victor, um trecho da Marcha da Maconha nas ruas de Belo Horizonte, com pessoas gritando “Eu sou maconheiro com muito orgulho e muito amor”. A última parte do Slam vem logo em seguida. Dessa vez, um vídeo em que eu mesmo apareço declamando as últimas palavras. Eu vestida de preto nos grafites da parede do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), o departamento de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Quis fazer isso por que seria uma surpresa para quem estiver assistindo. Durante o documentário, em alguns momentos, nota-se a minha voz. Então, afinal, é como se essa voz finalmente ganhasse rosto.

Para os créditos, eu pedi a um amigo músico, Samuel Vinicius, integrante do Projeto Narco, para fazer uma versão da música do Mc Eltin, País da ganja. É uma música em que se diz diversos nomes dados a maconha ao redor do Brasil e cita diversas capitais. É um rap, mas meu amigo fez uma versão em reggae, que combinou perfeitamente com o cenário.

Para o vídeo de fundo, eu utilizei as imagens feitas por Felipe Macedo, na época, para nosso documentário. Foi me resguardado o direito de usar todo o material que conseguimos, como eu quisesse, já que foram conseguidos através de minha rede de contatos e utilizamos do meu material particular para a maior parte do nosso filme.

Nas imagens da planta maconha, dentro de uma estufa, a luz amarela da estufa causava um efeito muito bonito, que se relacionava à dança das folhas com a música de fundo. Resolvi escolher uma letra completamente estilizada para o final, opção estética minha, e que eu me permiti, e a esse ponto do documentário, eu já estava mais confiante para ousar.

Acho importante comentar que eu passei um dia inteiro fazendo esses créditos. Nos últimos momentos, meu computador estava bem frágil. Tudo estava pesado, tudo estava difícil: abrir uma caixa de texto, ouvir o áudio sem pausa, ver o vídeo sem bug... Todas as tarefas estavam demorando mais de meia hora.

Eu criei uma nova sequência para fazer os créditos. Projetos se salvam automaticamente, sequências dentro de projetos, não. 19h noite, para quem começou às 10h. Um bug, o Première fecha, após meia hora eu abro de novo. Cadê os créditos? Eu havia perdido o meu trabalho do dia inteiro, na reta final de entrega do projeto.

Quando eu aceitei que tinha perdido, esperei 1h para o computador esfriar, e comecei outra vez. Eu já não tinha que decidir cores, tamanhos, lugares, músicas. Teria que escrever todos os créditos de novo, montar a música certinho de novo e escolher as melhores partes das imagens da estufa. Deu tudo certo, terminei tudo às 3h da manhã. Ficou bem melhor que antes...

Eu ia escrever todo um capítulo falando sobre a minha saga colocando legendas, mas basicamente: com a qualidade de alguns áudios comprometida, legendas eram imprescindíveis em algumas cenas. E já que eu precisava colocar em algumas, por que não em todas? Ótima ideia, ficou muito melhor. Mas sem mais delongas, foi a coisa mais chata, difícil e demorada que eu tive que fazer nesse projeto. Estressante, enlouquecedor, causador de crises de ansiedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que todo o processo, apesar de cansativo, resultou em um produto de qualidade e informativo. Descobri que sou mais capaz do que imaginava, e que se você tem um desafio pela frente, a melhor forma é arregaçar as mangas e fazer sempre o seu melhor, tentando se superar a cada dia. Mas preciso reconhecer que foi um erro pegar esse documentário para fazer sozinha, uma vez que o acúmulo de funções comprometeu muito a qualidade do produto.

Entretanto, estou orgulhosa desse projeto e espero que ele chegue a milhares de pessoas. É esse tipo de jornalismo que quero fazer em minha carreira, jornalismo que quebra tabus, que descasca couraças, que não tem medo de dizer a verdade e que leva uma mensagem positiva, de amor e respeito a sociedade.

A maconha segue proibida, entretanto, o cenário que temos nos mostra que essa proibição não coíbe qualquer usuário e que, muito pelo contrário, facilita o acesso de qualquer pessoa à substância, de forma descontrolada e expõe os usuários a um risco muito grande. Seja por adentrar-se em um ambiente perigoso ou por consumir um produto de qualidade duvidosa.

Pior ainda é para quem é negro, pobre e de periferia. Não importa se utiliza a mesma quantidade que um branco de classe média, essas pessoas estão mais sujeitas a serem punidas pelo uso e classificadas como traficantes.

O uso da maconha para fins medicinais está progredindo mais rápido e o país vem despiorando as leis com relação a ela. Entretanto, está longe do ideal, dada as circunstâncias de pacientes que realmente precisam e passam por processos burocráticos demorados que não condizem com suas realidades clínicas. A situação piora quando o paciente é de baixa renda e não tem como pagar por advogados ou pela exportação. A consequência disso muitas vezes é optar pela obtenção clandestina.

É uma planta complexa, com muitas substâncias ativas e que precisa urgentemente de mais espaço para estudo e pesquisa. A tendência é a regulamentação, se formos analisar como estão seguindo os países mais evoluídos que já entenderam que a guerra às drogas é uma guerra falida. Quanto mais cedo acordamos para a realidade que vivenciamos, mais cedo poderemos tomar as rédeas e achar soluções inteligentes para o consumo no Brasil.

As portas estão se abrindo e as vozes estão saindo. Pode ser que ainda leve um tempo para que o Brasil inteiro entenda a importância dessa regulamentação e ela aconteça de fato.

Mas estamos passando por uma fase de transição e convencimento social. Nunca tantas pessoas tiveram coragem de se posicionar a favor e manifestar sua indignação como agora.

É uma luta intensa, mas fico feliz de dar a minha contribuição para uma causa que interfere direta e indiretamente na vida de tantas pessoas. É chegado o momento de mostrar as caras e defender aquilo que se acredita. Semeando nas frestas do sistema conseguiremos no futuro colher os frutos dessa dedicação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGERON, Henri. **A sociologia da droga**. 1º. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2016. 160 p.
- BURGIERMAN, Denis Russo. **O fim da guerra**: A maconha e a criação de um novo sistema para lidar com as drogas. São Paulo: Leya, 2011. 288 p.
- CARLINI, Elisaldo Araújo. A história da maconha no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852006000400008>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- VIEIRA, Vera Lúcia et al. **Violência institucional e autocracia de Estado**: continuidades e rupturas na dinâmica brasileira na segunda metade do século XX. São Paulo: PUCSP, 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/cehal/downloads/textos/23_07_2010_RELATORIO_FINAL_AGOSTO_2009.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- LUCENA, J. Os fumadores de maconha em Pernambuco. **Arquivo da Assistência a Psicopatas**, n. 4, p. 55-96, 1934.
- MACHADO, Arlindo. O Filme-Ensaio. **Intermédias**, Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.intermidias.com/txt/ed56/Cinema_O%20filme-ensaio_Arlindo%20Machado2.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- NICHOLLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 6º. ed. [S.l.]: Papirus, 2005. 336 p.
- BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas para produção de alto impacto**. 1º. ed. [S.l.]: Elsevier, 2008. 387 p.
- KARAM, Maria Lúcia. Drogas: legislação brasileira e violações a direitos fundamentais. **Observatório Nacional de Saúde Mental e Justiça Criminal**, 2009. Disponível em: <http://www.observasmjc.uff.br/psm/uploads/drogas_legisla%C3%A7%C3%A3o_brasileira_e_viola%C3%A7%C3%B5es_a_direitos_fundamentais.html>. Acesso em: 04 fev. 2018.